

O conhecimento universitário em John Henry Newman

University knowledge in John Henry Newman

Jildonei Lazaretti

Mestrando em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciado em Letras – Português e Inglês, pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); e licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis-GO.
E-mail: jildoneilazaretti@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta o conceito de conhecimento universitário na obra *The Idea of a University (A Ideia de uma Universidade)*, de John Henry Newman, a fim de demonstrar sua relevância para o contexto atual da educação superior. Esse estudo se desenvolve a partir de três discursos presentes na referida obra: *O conhecimento, fim em si mesmo*; *O conhecimento em relação ao aprendizado*; e *O conhecimento em relação à capacidade profissional*, como também a partir de estudos críticos sobre Newman desenvolvidos por Penido (1946), Garland (2001) e Turner (2001).

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Conhecimento. Ensino Superior.

Abstract: This article presents the concept of university knowledge in John Henry Newman's book titled *The Idea of a University* to demonstrate its relevance to the current context of higher education. This study is based on three discourses present in the mentioned work: *Knowledge its own end*; *Knowledge viewed in relation to Learning*; and *Knowledge viewed in relation to Professional Skill*, as well as on critical studies developed by Penido (1946), Garland (2001) and Turner (2001) on Newman.

Keywords: Education. Philosophy. Knowledge. Higher Education.

1 Considerações iniciais

Atualmente, muitas são as questões que problematizam a atuação e a eficiência das universidades: a oportunidade de acesso a suas vagas, a permanência ou evasão de alunos, as metodologias de ensino-aprendizagem, o papel de docentes e discentes, a constituição dos currículos, o objetivo dos cursos e a contribuição social da formação acadêmica. Enfim, todas essas temáticas contemporâneas convergem para uma questão mais profunda e antiga relacionada à natureza e à finalidade das instituições universitárias, que poderiam problematizar genericamente “o que é a universidade?” ou, de forma mais específica, “em que consiste o conhecimento universitário?”.

Numa época em que se confunde frivolamente “acesso à informação” com “aquisição de conhecimento”, tais problemas parecem tão ultrapassados e defasados quanto a própria instituição universitária. No entanto, aqueles que desconsideram ou desqualificam tais questionamentos alegam ter como método uma suposta “teoria crítica” que, na prática, critica toda a civilização ocidental, exceto as suas próprias ideias, autodeclaradas como “críticas”, mas que, na verdade, são meros instrumentos de uma revolução cultural arquitetada para fins políticos. Uma verdadeira atitude

crítica e filosófica não foge dos questionamentos, mas percorre um caminho racional para respondê-los, e, por meio de tal trajeto, é capaz de constatar a relevância ou irrelevância dos próprios questionamentos.

Nessa perspectiva, o presente artigo busca compreender qual a natureza e a finalidade da universidade e, mais especificamente, do conhecimento universitário, a partir da obra *The Idea of a University*, de John Henry Newman. Essa obra, “há mais de um século [...], vem servindo como documento fundacional em considerações de um modelo ideal de educação superior” (GARLAND, 2001, p. 347). No entanto, mesmo sendo um marco teórico, *The Idea of a University* não deve ser lida anacronicamente, mas precisa ser compreendida dentro do contexto em que foi produzida na Irlanda do século XIX. Para essa adequada compreensão da obra, é necessário abordar, também, alguns aspectos da vida de seu autor que são determinantes para seu posicionamento teórico.

2 *John Henry Newman e seu contexto*

O crítico literário John Campbell Shairp definiu Newman como “o homem, em muitos aspectos, o mais notável que haja surgido na Inglaterra do século passado” (SHAIRP *apud* PENIDO, 1946, p. 5). Tal relevância histórica compreende-se a partir de sua trajetória de vida, marcada por uma constante busca da verdade, como também por sua atuação acadêmica em Oxford e em Dublin.

John Henry Newman nasceu em Londres, no dia 21 de fevereiro de 1801, em uma família anglicana. De 1816 a 1820, estudou no Tinity College, em Oxford, e, em 1822, tornou-se bolsista no Oriel College, também em Oxford. Em 1824, Newman foi ordenado ministro da Igreja Anglicana, sendo nomeado, em 1828, como vigário de St. Mary, a paróquia da Universidade de Oxford, cargo no qual permaneceu até 1843. Nesse período, publicou dez volumes de sermões proferidos como vigário de St. Mary.

No ano de 1833, Newman – juntamente com Keble, Froude, Rose, Perceval, Palmer e, mais tarde, Pusey – deu início ao Movimento de Oxford que trouxe um impulso reformador a três âmbitos da Igreja Anglicana, a saber:

[...] afirmou a independência da Igreja em face do Estado; lutou contra o “liberalismo”, difundindo a doutrina dos Santos Padres e afirmando a necessidade de apoiar a devoção sobre o dogma; despertou o fervor dos clérigos anglicanos, lembrando-lhes que não eram funcionários públicos senão sucessores dos Apóstolos, ao mesmo tempo em que sacudia a tibieza dos leigos, concitando-os a uma vida religiosa mais profunda e conforme à piedade antiga (PENIDO, 1946, p. 52-53).

As ideias do movimento eram divulgadas por meio da publicação dos *Tracts for the present time* (*Opúsculos para o tempo presente*). Conforme o movimento foi evoluindo, alguns de seus adeptos, entre os quais o próprio Newman, começaram a sentir-se atraídos pela Igreja Católica. No *Opúsculo 90*, publicado em 1841, Newman argumentou que era possível ao clero anglicano aceitar certos elementos da fé professada pelo catolicismo romano e, mesmo assim, permanecer servindo à Igreja

Anglicana. Como Newman exercia grande influência em Oxford, as autoridades universitárias e os bispos anglicanos condenaram de forma veemente esse opúsculo. Diante das retaliações, Newman renuncia ao cargo de vigário de St. Mary e às suas funções na universidade e retira-se para Littlemore, um distrito campestre de Oxford. Estando tomado de dúvidas, Newman entrega-se a um período de estudos, durante o qual começa a escrever *An Essay on the Development of Christian Doctrine* (*Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã*). Durante a elaboração dessa obra, suas propensões ao catolicismo tornaram-se resolutas e, assim, em 1845, John Henry Newman pede admissão na Igreja Católica.

Como católico, foi estudar em Roma, sendo ordenado sacerdote em 1847. Em 1851, o arcebispo Paul Cullen convida Newman para organizar e presidir uma recém-projetada universidade católica irlandesa em Dublin. Para viabilizar esse desafio e explicar o papel de tal universidade, Newman escreveu e proferiu uma série de ensaios e discursos, que deram origem à obra *The Idea of a University*, que é objeto deste estudo. Ele permaneceu dirigindo a Universidade Católica de Dublin até 1858, quando retornou para a Inglaterra.

Em 1879, como forma de reconhecimento, Newman foi nomeado como cardeal da Igreja Católica, pelo papa Leão XIII. O cardeal Newman faleceu em Birmingham, na Inglaterra, no dia 11 de agosto de 1890, tendo vivido praticamente metade da sua vida como anglicano e metade como católico.

3 A obra “*The Idea of a University*”

Conforme mencionado, a obra *The Idea of a University* consiste em uma série de ensaios e discursos que foram escritos e proferidos por Newman no período em que dirigiu a Universidade Católica de Dublin. Basicamente, a obra divide-se em duas partes. A primeira é composta de nove discursos que ele proferiu em Dublin, em 1852, nos quais trata da natureza e da finalidade de uma universidade e das características do conhecimento universitário. Já a segunda parte consiste em uma série de dez ensaios acerca da relação entre o cristianismo e alguns estudos universitários (como a literatura, a física, a investigação científica, a medicina, entre outros), que ele escreveu entre 1854 e 1858, para eventos especiais na Universidade Católica de Dublin.

No Brasil, a obra foi traduzida parcialmente sob o título *Newman e a ideia de uma universidade* (publicada pela EDUSC em 2001) e baseia-se em uma edição organizada por Frank M. Turner, na qual constam os nove discursos da primeira parte e apenas quatro ensaios da segunda parte, além de estudos interpretativos da obra que visam apresentar aos leitores contemporâneos a concepção de ensino superior desenvolvida por Newman. Essa edição concede ênfase à primeira parte da obra, uma vez que os discursos nela presentes trouxeram maiores implicações teóricas para a posteridade.

Existem, basicamente, dois temas que permeiam toda a obra *The Idea of a University*: “há, em primeiro lugar, a proposta de Newman segundo a qual uma universidade deve incluir a teologia como parte de seu currículo e, em segundo lugar, sua asserção de que uma universidade deve ensinar o conhecimento universal como um fim em si mesmo” (TURNER, 2001, p. 373). Antes que se faça qualquer juízo precipitado e anacrônico em relação à primeira temática, é necessário compreender os

pressupostos epistemológicos e argumentativos a partir dos quais Newman propõe a teologia como disciplina que perpassaria todos saberes e, obviamente, reconhecer que seus pressupostos não se mantêm na atualidade:

no espírito de Newman, a teologia é um domínio do conhecimento, e a verdade religiosa envolve e permeia todas as outras verdades. Pode-se destacar essa convicção religiosa como um fenômeno do século XIX que já não precisa preocupar-nos hoje, já que a maioria das universidades e faculdades – mesmo incluindo as que foram fundadas sob patrocínios religiosos – é largamente secularizada (TURNER, 2001, p. 374).

Nesse sentido, permanece para discussão a segunda temática que perpassa a obra, a de que a universidade deve ensinar o conhecimento universal como um fim em si mesmo. Acerca dessa temática é que o presente estudo se desenvolve, analisando três discursos da primeira parte da obra: *O conhecimento, fim em si mesmo (Knowledge its own end)*; *O conhecimento em relação ao aprendizado (Knowledge viewed in relation to Learning)*; e *O conhecimento em relação à capacidade profissional (Knowledge viewed in relation to Professional Skill)*.

4 O conhecimento universitário em “The Idea of a University”

Os três discursos que aqui serão analisados partem do pressuposto de que a universidade é um centro de ensino universal do conhecimento. Nesse sentido, os textos estão situados em um embate contra ideias da época, segundo as quais a universidade deveria fornecer apenas um conhecimento superficial que possibilitasse a realização de determinadas atividades profissionais. Newman alega que essas ideias defendem um conhecimento utilitário, que é instrumentalizado para que o estudante exerça determinadas funções na sociedade, mas que, na verdade, atrofiam o seu potencial e restringem sua capacidade de atuação em diferentes situações. Em contrapartida a esse conhecimento utilitário, John Henry Newman propõe uma educação que leve ao cultivo do intelecto, proporcionando, assim, uma ampliação de suas perspectivas e de seus hábitos de reflexão que, conseqüentemente, refletirão na sua capacidade de interação social e cívica.

4.1 O conhecimento como fim em si mesmo

No discurso *O conhecimento, fim em si mesmo*, Newman parte do princípio de que o conhecimento é um todo e de que as diversas ciências são partes dessa totalidade. Assim, as ciências estão interligadas, necessitando ser compreendidas de tal forma: “uma ciência conta uma história bem diversa, quando vista como parte do todo, daquela que contaria isoladamente, sem a salvaguarda, por assim dizer, das outras” (NEWMAN, 2001a, p. 132). Nesse sentido, ele constata a importância, para os alunos, de se abrir o leque de estudos de uma universidade, de modo que estejam em um centro de ensino universal. Por meio de tal ensino universal, seria possível apreender as grandes linhas do conhecimento, os princípios nos quais se baseiam e seus pontos

fortes e fracos, desenvolvendo, assim, um cultivo do intelecto ou um hábito filosófico que, para Newman, constitui o objetivo da universidade.

Para aqueles que questionam a finalidade de tal conhecimento, ele responde que “o conhecimento é o seu próprio fim. A constituição da mente humana é tal que qualquer tipo de saber, se realmente o for, constitui seu próprio prêmio” (NEWMAN, 2001a, p. 133).

Seguindo sua argumentação, Newman menciona a distinção de Aristóteles sobre as profissões, que diferencia entre profissões úteis – que dão frutos – e profissões liberais – que proporcionam apenas gozo. Partindo dessa concepção, ele defende que o cultivo do intelecto na universidade deve ocorrer por meio das artes liberais e argumenta que “só é liberal o conhecimento que encerra em si suas próprias pretensões, independente das consequências, não espera complemento e recusa-se a ser informado por um fim qualquer” (NEWMAN, 2001a, p. 137).

Ao defender que o conhecimento a ser desenvolvido na universidade deve ter o seu fim em si mesmo, Newman esclarece que o conceito de conhecimento a que se refere consiste em “algo intelectual, que capta o que percebe por meio dos sentidos; algo que engendra uma visão das coisas; que vê mais do que os sentidos transmitem; que raciocina a respeito de que vê e enquanto vê; que empresta uma ideia ao que vê” (NEWMAN, 2001, p. 141). Segundo ele, tal conhecimento não é algo extrínseco e acidental, mas um hábito adquirido, uma posse pessoal e uma atividade interior. Como cabe à universidade desenvolver esse conhecimento, a instituição universitária não pode ser entendida como lugar de instrução, mas de educação. Newman concebe a educação como algo mais elevado que “implica uma ação sobre a nossa natureza mental e a formação do caráter” (NEWMAN, 2001a, p. 141).

4.2 *O conhecimento e o aprendizado*

Newman inicia seu discurso *O conhecimento em relação ao aprendizado* tratando da dificuldade de nomeação do conhecimento universal, ao qual ele se referiu no discurso anterior. Sugere que poderia ser chamado de amplitude mental, iluminação ou conhecimento filosófico. Após essas considerações, ele dá continuidade ao argumento de que o objetivo principal da universidade é empregar o conhecimento filosófico (ou universal) na educação do intelecto. Em outras palavras, a função da universidade é a cultura intelectual, educar o intelecto para raciocinar bem em todos os assuntos, para buscar a verdade.

Posteriormente, Newman aborda a relação entre esse conhecimento universal e o que ele denomina conhecimento simples ou aprendizado. Segundo ele, o fim da universidade não é o aprendizado ou a aquisição, mas o pensamento ou a razão exercitada por meio do conhecimento universal, que possibilitaria uma amplitude do intelecto. Ele descreve que o intelecto que atinge tal amplitude é capaz de estabelecer relações entre as informações e os acontecimentos: “é aquele que associa o velho e o novo, o passado e o presente, o distante e o próximo, e conhece a influência que um exerce sobre o outro [...] possui o conhecimento, não só das coisas, mas também de suas relações mútuas e reais” (NEWMAN, 2001b, p. 156). Em outro momento, ele detalha ainda mais essa expansão da mente proporcionada pelo conhecimento

universal: “consiste na capacidade de ver muitas coisas ao mesmo tempo, como um todo, consigná-las a seu devido lugar no sistema universal, compreender seus respectivos valores e determinar sua dependência mútua” (NEWMAN, 2001b, p. 158).

Por fim, ele defende que o ensino de fato é aquele que “tende ao cultivo do intelecto; que reconhece ser o conhecimento algo mais que uma recepção passiva de fragmentos e pormenores” (NEWMAN, 2001b, p. 166). Levando seu argumento às últimas consequências, Newman defende que a autoeducação é “preferível a um sistema de ensino que, professando tanto, faz tão pouco pela mente” (NEWMAN, 2001b, p. 166). Ele defende o autodidatismo como forma de crítica extrema à situação das universidades de sua época, das quais os estudantes saíam “num estado de dissipação e relaxamento, por causa da multiplicidade de matérias que na verdade nunca chegaram a dominar, e tão superficiais a ponto de ignorar a própria superficialidade” (NEWMAN, 2001b, p. 167).

4.3 O conhecimento e a utilidade

No início do discurso *O conhecimento em relação à capacidade profissional*, Newman descreve o embate da época entre a educação utilitária e a educação liberal, em que a última era criticada por sua “inutilidade” econômica e social:

[...] alguns grandes homens [...] insistem que a educação seja confinada a um fim particular e estreito, concretizando-se uma obra definida, sujeita a pesos e medidas. Argumentam como se toda coisa e toda criatura tivessem seu preço; e querem que, onde tenha havido grande investimento, haja retorno correspondente. A isso chamam tornar a educação e a instrução “úteis”; “utilidade” é sua senha. Munidos de um princípio fundamental dessa natureza, naturalmente perguntam o que justifica as despesas de uma universidade; qual é o valor real, no mercado, do artigo “educação liberal” (NEWMAN, 2001c, p. 170).

Nesse contexto, Newman defende a educação liberal e combate os argumentos de John Locke, que limita a utilidade da educação à sua influência na futura profissão do aluno, desconsiderando, assim, uma educação intelectual.

Em sua argumentação, Newman reafirma a ideia de que a cultura intelectual consiste em seu próprio fim e, portanto, tem em si mesma sua utilidade. Mas, além disso, ele defende que a cultura intelectual é intrinsecamente boa, pois faz bem para o intelecto assim como o exercício físico faz bem para a saúde do corpo:

[...] assim como o corpo pode ser sacrificado a uma labuta manual ou outra qualquer, moderada ou opressiva, assim pode o intelecto dedicar-se a uma profissão específica; e não chamo a isso cultura do intelecto. Tal como um membro ou órgão do corpo pode ser usado ou desenvolvido sem ordem, sem ordem pode ser usada a memória, a imaginação ou a faculdade do raciocínio; e isso não é cultura intelectual. De outra parte, *assim como o corpo pode ser cuidado e exercitado com vistas simplesmente à sua saúde geral, assim pode o intelecto ser brunido*

com vistas à perfeição de seu estado; e nisso consiste seu cultivo (NEWMAN, 2001c, p. 179, grifos nossos).

Newman desenvolve o argumento, defendendo que a cultura intelectual representa a melhor contribuição ao estudo profissional ou científico. Aquele que realizou o cultivo do intelecto poderá “optar por qualquer das ciências e profissões [...] com uma facilidade, uma graça, uma versatilidade e um sucesso a que outros sequer podem aspirar. Portanto, nesse sentido, a cultura mental é indubitavelmente *útil*” (NEWMAN, 2001c, p. 180).

Por fim, ele identifica um “fim comum” no conhecimento filosófico ou universal, a ser desenvolvido pelas instituições universitárias, que consiste em:

[...] elevar o tom intelectual da sociedade, cultivar a mentalidade pública, purificar o gosto nacional, fornecer princípios verdadeiros para o entusiasmo popular e fixar metas para as aspirações do povo, dar grandeza e sobriedade às ideias do tempo, facilitar o desempenho do poder político e aprimorar as relações da vida privada (NEWMAN, 2001c, p. 187).

5 Considerações finais

Mesmo que a concepção de Newman acerca das universidades e do conhecimento universitário tenha sido formulada em outro contexto histórico e social, é possível constatar a pertinência e a relevância de seus argumentos, de diferentes formas, na contemporaneidade.

Primeiramente, observa-se que a ideia de Newman de que o estudo universitário deve evitar a utilidade parece ter produzido resultados inesperados e prejudiciais às universidades atuais, como a ineficiência acadêmica ou a aversão a procedimentos operacionais, que são “justificadas” com base no caráter não utilitário do conhecimento.

Em contrapartida, constata-se também a atualidade da crítica de Newman contra a vinculação da finalidade da educação a questões profissionalizantes ou utilitárias, visto que “as universidades constituem hoje os principais foros da sociedade ocidental para a busca do conhecimento útil e proveitoso” (TURNER, 2001, p. 380). Essa situação faz com que áreas do conhecimento relacionadas à produção de novas tecnologias, à especialização de mão-de-obra e a pesquisas genéticas e inovação científica recebam maior apoio tanto dentro das universidades, por seus gestores, como fora delas, por meio de incentivo governamental.

Por outro lado, as áreas de ciências humanas e das linguagens, que estão mais vinculadas à perspectiva proposta por Newman de “cultivo do intelecto”, recebem cada vez menos apoio das instituições universitárias e dos governantes.

Há, ainda, aqueles que, dominados pelo utilitarismo, confundem conhecimento com acesso à informação e, com isso, proclamam a falência institucional das universidades, já que, conforme alguns clichês, “agora o conhecimento não pode ser mais monopolizado”, a “universidade não detém mais o monopólio do saber” ou, ainda, “a universidade é uma velhinha que vende cartão telefônico para orelhão, numa

época em que cada um tem seu celular”. Como se vê, argumentos tão fracos quanto os pressupostos confusos sobre os quais foram formulados.

No entanto, não se pode negar o fato evidente de que há uma gradual decadência das instituições de ensino superior. Como solução, algumas passam a atuar como meras empresas que buscam a excelência apenas em termos mercadológicos, no que se refere a uma oferta de produtos que atendam à procura, tendo em vista o lucro. Outras, ainda, sem ter meios de buscar tal “excelência”, simplesmente agem como podem e se conformam em se manter funcionando, que é o caso de grande parte das instituições públicas de ensino superior no Brasil.

Diante desse cenário, as ideias de Newman parecem pertinentes ao menos enquanto possibilidade de reflexão crítica para a realidade complexa na qual se encontra a educação superior que, atualmente, é comandada ou instrumentalizada por um insensato profissionalismo. Provavelmente, em longo prazo, quando se tornarem evidentes as danosas consequências sociais dessas políticas educacionais, será preciso repensar a universidade e a sua missão, a fim de que seja possível, nas palavras de Newman, “elevar o tom intelectual da sociedade” (NEWMAN, 2001c, p. 187).

Referências

GARLAND, Martha McMackin. “Newman em sua época” In: TURNER, Frank M. (Org.). *Newman e a ideia de uma universidade*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001. p. 347-367.

NEWMAN, John Henry. “O conhecimento, fim em si mesmo” In: TURNER, Frank M. (Org.). *Newman e a ideia de uma universidade*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001a. p. 131-148.

_____. “O conhecimento em relação ao aprendizado” In: TURNER, Frank M. (Org.). *Newman e a ideia de uma universidade*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001b. p. 149-168.

_____. “O conhecimento em relação à capacidade profissional” In: TURNER, Frank M. (Org.). *Newman e a ideia de uma universidade*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001c. p. 169-188.

PENIDO, Maurílio Teixeira-Leite. *O Cardeal Newman*. Petrópolis: Vozes, 1946.

TURNER, Frank M. (Org.). “A universidade de Newman e a nossa” In: TURNER, Frank M. (Org.). *Newman e a ideia de uma universidade*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001. p. 369-392.